

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E TECNOLOGIA NA LUTA CONTRA O RACISMO NO FUTEBOL

ANTI-RACIST EDUCATION AND TECHNOLOGY COMBATING RACISM IN FOOTBALL

Marcos Antonio Batista da Silva

Possui pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC), em Portugal. Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

E-mail: marcosilva@ces.uc.pt

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir e propor estratégias de enfrentamento ao racismo no futebol, com ênfase nas camadas jovens e na atuação em ambientes digitais. Acorado em estudos sobre relações étnico-raciais e futebol, e em referenciais da teoria social crítica que articulam racismo estrutural, formas simbólicas e relações de poder, o texto adota como procedimento teórico-metodológico a revisão de literatura e a análise crítica de discursos midiáticos de autores contemporâneos. Os achados indicam que o racismo se manifesta de modo estrutural dentro e fora de campo e também nas redes sociais, produzindo impactos sobre jogadores, torcedores e profissionais do esporte, sobretudo jovens negros e imigrantes. Argumenta-se que a educação antirracista, ao reconhecer e valorizar histórias, culturas e identidades de populações racializadas, constitui eixo central de prevenção, denúncia e transformação, e que as redes sociais podem ampliar a conscientização, a mobilização e a pressão por responsabilização institucional.

Palavras-chave: Diversidade. Antirracismo. Juventude. Família. Esporte.

Abstract: This article aims to discuss and propose strategies to tackle racism in football, with emphasis on youth players and digital environments. Grounded in scholarship on ethnic-racial relations and football, and informed by critical social theory linking structural racism, symbolic forms and power relations, the paper follows a theoretical-methodological approach combining a literature review with critical analysis of contemporary media discourses. Findings suggest that racism operates structurally on and off the field and across social media, affecting players, fans and sport professionals, especially young Black and immigrant subjects. The article argues that anti-racist education—by recognising and valuing the histories, cultures and identities of racialised populations—is a key axis for

prevention, reporting and transformation, and that social media can expand awareness, mobilisation and pressure for institutional accountability.

Keywords: Diversity. Anti-racism. Youth. Family. Sport.

INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte com visibilidade local, regional e (inter)nacional, ocupando um espaço significativo nas sociedades contemporâneas e integrando-se à vida social de diversos países. Além disso, é caracterizado por uma intensa mobilidade internacional de jogadores. No contexto competitivo do futebol, a busca por jogadores de diferentes países com aptidões que se traduzam em vitórias torna-se uma estratégia relevante para clubes, investidores e torcedores (Nolasco, 2010).

O tema do futebol está inserido na cultura de vários setores das sociedades, incluindo o contexto educacional, em seus diversos níveis. No ensino superior, por exemplo, esse tema é abordado no ensino, na pesquisa e na extensão, como nos programas oferecidos pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro¹ (INCT Futebol).

As pesquisas do Instituto organizam-se em quatro linhas principais: o futebol comunitário e de várzea; as mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol; os clubes, formação, carreira e migração de futebolistas; o futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+. Outros exemplos de iniciativas acadêmicas relacionadas ao futebol incluem: escolas de verão, seminários, congressos, produções científicas (artigos, dissertações, teses, relatórios), entre outros, visando compreender o futebol em diferentes contextos, como os processos migratórios de jogadores, o racismo no futebol, o futebol profissional, futebol de camadas jovens e a relação entre mídia e futebol (Fischer *et al.*, 2024; Medeiros; Lopes; Teixeira, 2025; Abrantes; Silva, 2023; Nolasco, 2010).

Fischer *et al.* (2024) discutiram a cultura lúdica de atletas profissionais de futebol da atual geração em comparação com a de ex-jogadores, identificando possíveis similaridades e singularidades no processo de aprendizagem do futebol. A “pedagogia da rua”, segundo Fischer *et al.* (2024), não se refere ao espaço físico entre as calçadas, mas ao ambiente informal de aprendizagem, que pode ser estabelecido em qualquer local a partir de um ambiente de jogo criado e mantido pelo desejo de jogar.

Medeiros, Lopes e Teixeira (2025) buscaram compreender as torcidas organizadas e a violência no futebol na sociedade brasileira. Os autores analisaram em que medida os torcedores se engajam em práticas violentas e suas motivações para tais práticas.

¹ Mais informações estão disponíveis em: <https://www.inctfutebol.com.br/>

A violência no futebol é um fenômeno global, discutido por Foer (2006), que ocorre há décadas em diversas partes do mundo.

Lopes (2024), ao discutir sobre torcidas de futebol, recorre à teoria social crítica de Thompson (2011), que oferece uma análise psicossocial do torcer, fornecendo elementos importantes para compreender o papel e os modos de operação da ideologia no futebol, sem perder de vista a perspectiva do “indivíduo-torcedor” ativo e a necessidade de contextualização concreta.

Em algumas instituições de ensino superior, há também atividades de extensão, como sessões de leitura sobre futebol, desenvolvidas em universidades que realizam leituras como práticas coletivas e espaços de partilha, encontros e escutas entre diferentes experiências, sensibilidades e formas de ver o mundo. Citamos como exemplo a 11ª sessão do ciclo Leituras em Diversidade Cultural e Linguística, dedicada ao tema “Ser ou não ser, eis o Futebol”².

O evento foi organizado pela Biblioteca Norte|Sul do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em parceria com a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Nessa sessão, o futebol serviu de inspiração para leituras que percorrem diferentes estilos, gêneros e experiências, revelando a sua presença marcante na literatura e no pensamento social contemporâneos. As leituras foram desde o testemunho de um jogador trans à poesia de cordel, passando por crônicas, ensaios e relatos históricos, e contou com a participação do autor.

O futebol, que há muito transcendeu os limites do espaço estritamente esportivo, consolidou-se como um fenômeno cultural, social e literário, atravessado por memórias de infância, paixões populares, sonhos e frustrações, assim como por narrativas de superação, racismo, preconceito e discriminação. O racismo no futebol nas sociedades contemporâneas manifesta-se por meio de práticas racistas, como atos verbais, não verbais e paraverbais (xingamentos, insultos racistas, sinais e gestos) que resultam em consequências desfavoráveis para grupos racializados, principalmente negros e imigrantes (jogadores, comissões técnicas, torcedores etc.), nos estádios de futebol e em outros recintos desportivos. Essas práticas racistas também se manifestam na internet (redes sociais), dirigidas a praticantes diretos ou indiretos das partidas de futebol (Ramos; Soutto Mayor; Silva, 2023; Silva, 2025).

Em uma sociedade marcada pelo racismo, é necessário compreender como as tecnologias incorporam as lógicas de discriminação. O preconceito e atos discriminatórios relacionados à raça precisam ser combatidos na internet. Os jovens e os próprios jogadores de futebol estão muito conectados à internet, mas não estão imunes a episódios racistas, dentro e fora de campo, especialmente nas redes sociais, como ob-

2 Mais informações estão disponíveis em: <https://agenda.coimbra.pt/event/bbfex7ap14hrou1r>

servado por Castro *et al.* (2024), em seu estudo sobre a discriminação no futebol. O combate ao racismo tem ganhado força na internet e nas redes sociais, com denúncias de casos de racismo, debates, informações e organizações de movimentos para discutir o tema.

O racismo no futebol é um problema social ainda presente na sociedade brasileira. A partir da história social do futebol no Brasil, o autor demonstra como, apesar do protagonismo da negritude nesse esporte, desde os primórdios, os jogadores negros tiveram de enfrentar preconceitos raciais (Silva, 2025). O autor sublinha que embora haja indícios de mudanças, muitos desafios ainda precisam ser enfrentados. O caso do jogador Vinícius Júnior na luta contra o racismo em nível global permite vislumbrar um horizonte mais promissor, com a transformação para que os negros não sejam mais vítimas de racismo, dentro e fora dos campos. No entanto, ainda há muito a ser feito no mundo do futebol. Em geral, essas discussões promovem reflexões sobre questões sociais, culturais e desportivas relacionadas ao futebol, proporcionando a formação de jovens pesquisadores sobre a temática e a interação com as comunidades locais (Silva, 2025).

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E FUTEBOL

O racismo no futebol é um problema estrutural que se manifesta tanto dentro quanto fora dos estádios, inclusive na internet. Esses episódios racistas evidenciam a urgência de ações e de uma educação antirracista que transcendam os “muros escolares”. A articulação entre educação formal e não formal permite enfrentar o racismo de forma sistêmica, empoderando jovens para reconhecer, denunciar e transformar realidades discriminatórias, contribuindo para um esporte mais justo e uma sociedade mais igualitária. Batalha, Santos e Mesquita (2025) chamam a atenção para a contribuição do “debate sobre igualdade e direitos humanos” (p. 1), e reforçam “a importância de políticas robustas e de mecanismos de denúncia eficazes que transformem o esporte em uma plataforma de justiça social e respeito à diversidade” (p. 2). O mundo do futebol “tanto reflete desigualdades sociais quanto atua como campo de resistência contra a discriminação racial” (Batalha; Santos; Mesquita, 2025, p. 1).

Essa discussão nos remete ao que diz Sá (2025, p. 1) no que tange à relação entre racismo e futebol, especialmente acerca da “maldição do goleiro preto nascida após a derrota na final da Copa de 1950”. No caso em questão, o autor refere-se ao goleiro Moacyr Barbosa. Segundo Sá (2025), “a história do goleiro Barbosa configura-se como exemplo de como o racismo persiste, mas obtuso; um inferno interminável não apenas pela punição perpétua com a qual teve de conviver tanto em vida como em relação à sua memória” (Sá, 2025, p. 19).

Ao detalharmos um pouco mais o que disse Sá (2025), recorreremos ao jogo entre Brasil e Uruguai, no dia 16 de junho de 1950. Um empate já garantiria a taça para a seleção brasileira. A equipe brasileira saiu na frente, mas sofreu o empate. Faltando poucos minutos, a seleção do Uruguai virou o placar, ganhando a Copa do Mundo daquele ano no Brasil. A partida teve um peso grande para a história do futebol. Depois da derrota, a população brasileira “necessitava de culpados para apontar”.

Barbosa, goleiro e negro, foi o mais criticado. Nos anos seguintes, a mídia, entre outros, colocou nas mãos do goleiro todo o fardo da derrota. Para Sá (2025, p. 18), “a posição de goleiro, sobretudo a partir da figura de Barbosa, constitui-se como lugar privilegiado para compreender a operacionalidade do racismo”. Isto é, “a estigmatização de Barbosa o colocou no limbo racial para sempre e perpetuou uma perspectiva de caráter racista acerca da função de goleiro” (Sá, 2025, p. 19).

Compreendemos que a educação formal e a não formal são cruciais na promoção dos direitos humanos, especialmente no combate ao racismo no futebol. Por meio da educação formal, as instituições de ensino podem integrar currículos que abordem educação para as relações étnico-raciais (Gomes, 2017). Por sua vez, a educação não formal (projetos comunitários, clubes desportivos) pode atuar diretamente nos contextos sociais do seu entorno, promovendo espaços de diálogo sobre diversidade e equidade.

No que tange especialmente à educação formal e ao seu currículo, compreendemos que não são apenas as mudanças no currículo educacional que garantem uma educação antirracista. Deve-se considerar a centralidade que a educação adquiriu historicamente nas lutas antirracistas. O currículo deve recuperar contribuições teóricas e experiências de outros contextos, que não sejam tão somente eurocêntricos, promover a inovação pedagógica, contemplando a história de povos racializados (população negra, povos indígenas, entre outros grupos étnicos) e assumi-los como cidadãos e atores sociais participantes do poder político. Não obstante, será que os paradigmas atuais que orientam a construção dos currículos educacionais têm desafiado a reprodução das narrativas históricas eurocentradas e “eurorreferenciadas”?

Outro aspecto para o qual gostaríamos de chamar a atenção diz respeito ao racismo e às suas implicações nas matrizes curriculares de cursos, em especial da formação de professores, no que se refere ao ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e de povos indígenas. Entendemos que a sociedade brasileira ainda possui uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação contra os povos racializados, que historicamente enfrentam dificuldades para o acesso ao sistema educacional e a permanência nele.

As consequências do passado escravista e colonial do Brasil não podem ser omitidas quando se trata das desigualdades sociais e raciais no país, que estão associadas à manutenção de um sistema político e educacional pouco democrático que reforça as

intensas desigualdades. Portanto, devido à seletividade persistente do sistema educacional brasileiro, justificam-se a adoção e a manutenção de políticas de ação afirmativa, principalmente no ensino superior no país e no campo do trabalho. A introdução de tais políticas (do Estado ou do setor privado) visando ao aumento da presença de grupos racializados (negros, indígenas), entre outros grupos sociais, sub-representados em esferas da vida social, busca promover a equidade racial e corrigir os efeitos presentes do racismo estrutural.

Por um lado, há ainda instituições educacionais com um modelo eurocêntrico. Por outro lado, nas últimas décadas, houve mudanças institucionais derivadas de um mosaico de forças e tensões resultantes de disputas fomentadas principalmente pela pressão de movimentos sociais negros e indígenas no espaço educacional, com a introdução de políticas públicas educacionais em prol de uma educação antirracista.

Ressaltamos ainda a importância dos coletivos estudantis negros e indígenas, que têm feito pressão para promover mudanças institucionais, e de professores engajados na luta antirracista, sem os quais o engajamento individualizado não teria força suficiente para gerar essas mudanças. Com a introdução das políticas de ações afirmativas na educação superior pública brasileira, há grandes mudanças nas instituições de ensino superior. Nessa direção, coletivos negros, formados em grande parte por estudantes beneficiários dessas políticas, emergem no cenário universitário objetivando tornar as trajetórias de estudantes negros mais acolhedoras. Articulando marcadores sociais como raça/cor, gênero, sexualidade, classe e geração, os coletivos negros se mobilizam no ambiente acadêmico na luta por uma universidade mais inclusiva e racialmente democrática (Guimarães; Rios; Sotero, 2020; Silva; Araújo, 2021). Em uma sociedade como a brasileira, compreender e pôr em prática uma educação antirracista é crucial para uma equidade social.

Compreendemos que uma educação antirracista se propõe a oferecer uma resposta, na área da educação, à demanda da população negra, de indígenas, entre outros grupos étnicos, no sentido de introduzir ações de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Isto é, uma política curricular fundada em dimensões históricas, sociais e antropológicas, buscando combater e travar o racismo. A educação antirracista precisa ser um recurso estruturante dos currículos, e não um tema esporádico nas práticas pedagógicas (Torres Santomé, 2013). E isso também inclui os cursos de Educação Física, entre outros, em que o corpo e o futebol devem ser discutidos também sob uma perspectiva afrocentrada.

Estudos e notas da mídia têm mostrado casos de racismo no futebol em diferentes camadas: feminino, amador, profissional, juvenil, de povos indígenas, entre outros (Farias *et al.*, 2020; Batalha; Santos; Mesquita, 2025; MacInnes, 2025; Sá, 2025). Por exemplo, em uma nota da mídia de 15 de julho de 2025, publicada na plataforma digital Zero

Hora (GZH) por Carolina Dolina, intitulada “Atleta sofre injúria racial e é agredido em jogo do Gauchão de Futsal sub-17”, mostra um caso de injúria racial e agressão ocorrido no torneio de futebol vinculado à Federação Gaúcha de Futebol, no Rio Grande do Sul, estado brasileiro. Na ocasião, um jogador do Arsenal, de Não-Me-Toque, sofreu injúria racial e foi agredido em uma partida contra a Sercesa. O fato aconteceu em 14 de julho de 2025, num ginásio desportivo em Carazinho (um município da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul).

Isso mostra que o racismo no futebol abrange não só os atletas profissionais, mas também camadas jovens, isto é, jogadores em formação, amadores, entre outros. Isso pode ser observado também no estudo de Castro *et al.* (2024). O estudo mostra análises sobre os episódios raciais no futebol brasileiro. Por exemplo, o documento informa que no ano de 2023, “foram identificados 250 casos, dos quais 222 aconteceram no Brasil e 28 no exterior com atletas brasileiros” (Castro *et al.*, 2024, p. 17).

O estudo mostra ainda que:

O racismo foi responsável por 184 casos (162 no futebol e 22 em outros esportes). A LGBTfobia foi a causa de 41 casos (38 no futebol e três em outros esportes). O machismo originou 11 casos (oito no futebol e três em outros esportes). A xenofobia foi motivo de 14 ocorrências no futebol (Castro *et al.*, 2024, p. 18).

Entretanto, os casos de racismo e discriminação não ocorrem somente no futebol brasileiro, como mostra a matéria do jornal britânico *The Guardian*, em reportagem de Paul MacInnes, de 5 de agosto de 2025, intitulada “Sexismo e misoginia impulsionam níveis recordes de abuso em jogos de futebol na última temporada”, na qual se observa um grande número de denúncias de abuso em partidas do futebol inglês durante a temporada 2024-2025, relacionadas ao sexismo e à misoginia, impulsionando o aumento, como mostra uma organização de combate ao racismo no futebol inglês denominada *Kick It Out*³.

A organização divulgou, em sua pesquisa anual, que houve 1.398 denúncias de comportamento discriminatório nos 12 meses anteriores, contra 1.332 no ano anterior. Embora tenha mais do que dobrado desde o total de 610 em 2021-2022, a composição dessas reclamações mudou. De acordo com os dados da *Kick It Out*, os relatos de sexismo e misoginia aumentaram 67% em relação ao ano anterior, de 115 para 192. As denúncias de sexismo *on-line* aumentaram 72%, enquanto as denúncias relacionadas à misoginia no futebol juvenil dobraram. Nos estádios, foram registrados 18 relatos de

3 Mais informações em: <https://www.kickitout.org/annual-reports>

cânticos sexistas nas partidas, quase igualando o total das quatro temporadas anteriores combinadas.

O aumento nas denúncias, segundo a *Kick It Out*, deve-se em parte a uma maior conscientização tanto das ferramentas disponíveis para combater o abuso quanto do próprio jogo feminino. O aumento da popularidade no futebol feminino foi seguido por um crescimento de pessoas criticando sua validade, especialmente nas redes sociais. Outra informação anuncia que os relatos de racismo caíram em geral, embora a *Kick It Out* diga que o racismo continua “prevalente” *on-line*, e o número de incidentes relatados no jogo profissional aumentou de 223 para 245. Ainda captamos na reportagem que o volume de abusos continua alto, e, muitas vezes, os responsáveis não enfrentam consequências. É importante que as pessoas que sofrem ou testemunham racismo em partidas de futebol, em quaisquer níveis, relatem o episódio e denunciem nas instituições competentes.

RACISMO, PLATAFORMAS DIGITAIS E FUTEBOL

O racismo institucional refere-se a um conjunto de práticas que são normalmente não marcadas e não nomeadas “enquanto lugar de poder [e] articula-se nas instituições (universidades, empresas, organismos governamentais) que são por excelência, conservadoras, reprodutoras, resistentes [a criar] um contexto propício à manutenção do quadro das desigualdades” (Bento, 2005, n. p.). Segundo Ture e Hamilton (1969, p. 20), o racismo institucional “tem origem no funcionamento de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, por conseguinte, recebe muito menos condenação pública do que [o racismo individual]” e “descansa na ativa e pervasiva operação de atitudes e práticas antinegras”. Autores como Du Bois, Ralph Ellison, Lourenço Cardoso, Maria Aparecida Bento, entre outros, trouxeram a importância de refletir acerca das relações de poder, racismo e branquidade/branquitude que atravessam a sociedade e são reproduzidas pelas instituições, incluindo a universidade.

Entendemos que o espaço educacional nas sociedades contemporâneas, com raras exceções, continua a ser um lugar de reprodução das relações desiguais de poder baseadas em raça e que, por essa razão, precisa ser trazido para o centro do debate sobre justiça, educação e antirracismo. Nessa direção, ressaltamos a importância das políticas de ação afirmativa introduzidas no Brasil, nos anos 2000, derivadas de lutas intensas do movimento negro brasileiro, que se definem como “políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física” (Gomes, 2001, p. 132). Tais políticas visam aumentar a presença de populações racializadas, sub-representadas em esferas da vida social, além de

promover a equidade racial e corrigir os efeitos presentes do racismo institucional (Carmichael; Hamilton, 1967; Werneck, 2016; Silva, 2017).

Sobre as plataformas digitais, no que tange à discriminação e ao racismo, a reportagem de Abbie Richards (2025) acrescenta o seguinte: “Vídeos racistas gerados por IA são a mais nova tendência a acumular milhões de visualizações no TikTok. O gerador de vídeos Veo AI do Google está aparentemente sendo usado para gerar vídeos que retratam temas racistas e antissemitas”. Quanto à plataforma TikTok, observamos que ela tem aproximadamente 1,69 bilhão de usuários ativos mensais em todo o mundo (Silverio, 2026). Embora popularmente conhecido como uma plataforma de vídeos curtos usada principalmente por adolescentes, o TikTok tem mostrado atribuições para além das famosas “dancinhas” e de outros *trends* populares.

Ao reunir um número expressivo de comunidades de jovens que consomem diariamente opiniões e visões de mundo distintas, e que exploram e constroem suas próprias identidades, o TikTok tornou-se uma arena profícua para o desenvolvimento de novos repertórios ativistas (Chagas; Stefano, 2023; Zhao; Abidin, 2023). Compartilhamos das considerações de Zhao e Abidin (2023) de que o TikTok surgiu também como mais um espaço ativista alternativo para os jovens, especificamente porque serve aos utilizadores como uma aplicação de produção e partilha de vídeos.

Outros autores abordam alguns pontos cruciais a serem considerados quando se discutem as culturas e os movimentos sociais do TikTok que acontecem ou foram interrompidos na plataforma. Especificamente, questionam como os recursos interativos e criativos do TikTok aumentaram e alteraram as nossas culturas, práticas, políticas e dinâmicas de poder de envolvimento com públicos para várias crenças e agendas sociais (Moir, 2023; Matamoros-Fernández, 2023).

A revisão de literatura mostra diversos estudos que exploraram o TikTok nas mais variadas áreas das ciências, os quais enfocaram várias temáticas, investigaram os expedientes interativos e as formas de engajamento com suas audiências, e diferenciaram linguagens empregadas, coreografias, dublagens, participações em *trends* e outros repertórios (Duarte; Dias, 2021; Chagas; Stefano, 2023; Becerra-Chauca; Taype-Rondan, 2020). Tais estudos foram importantes para identificarmos referenciais teórico-metodológicos e temáticas que embasaram tais produções.

O racismo no futebol tem se manifestado por práticas racistas dentro e fora dos estádios (redes sociais/TikTok). Segundo Colella (2021), apesar de as arquibancadas protagonizarem grandes festas, o estádio de futebol ainda pode ser um ambiente perigoso, principalmente quando abordamos a questão da discriminação racial e como ela se apresenta no esporte. O estudo de Colella (2021), desenvolvido durante a pandemia, indicou que o desempenho dos jogadores negros melhorou na Europa com os estádios

vazios ao longo de 2020. O autor sugere que o racismo nos estádios de futebol prejudica o desempenho de futebolistas negros.

Compreendemos que os estudos das relações étnico-raciais no contexto do futebol são fundamentais para a interpretação e as análises nesse campo de estudo, visando travar o racismo. Os conceitos de raça e (anti)racismo permitem sustentar um olhar analítico e político para o campo de estudos das relações étnico-raciais no intuito de descrever e interpretar a operação do racismo estrutural e simbólico na produção e sustentação de desigualdades sociais, e refletir sobre estratégias para sua superação (Essed, 1991). De acordo com Coelho, Silva e Maeso (2023), “o antirracismo é uma epistemologia encarnada na luta coletiva pela libertação, visando abordar injustiças históricas, dismantelar a violência racial e propor horizontes políticos radicais de justiça e liberdade” (p. 68).

Os jovens, principalmente negros, têm escolhido o futebol buscando uma ascensão social, muitas vezes incentivados pela família para suprir a falta de oportunidade em outros setores sociais devido ao racismo estrutural. Porém, eles têm se deparado com o racismo e a violência em suas escolhas. De acordo com Almeida (2018, p. 43), “muitos jovens negros, excluídos das outras esferas sociais e econômicas, viam no desporto uma das únicas possibilidades de melhorar as suas vidas”.

Trabalhos de diferentes sociedades têm discutido o futebol e o racismo, como os estudos de Ribeiro e Pimenta (2022) e Silva, Munsberg e Balzano (2020). Em geral, esses autores trazem discussões sobre o tema racismo e futebol realizando um resgate histórico; mostram também episódios marcantes de racismo no futebol nas sociedades contemporâneas e, abordando as consequências psicológicas, sociais e culturais que envolvem principalmente os jogadores negros.

Embora diversas ações antirracistas tenham sido anunciadas no campo, especialmente pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), ainda há muito a se fazer, já que diversos episódios de racismo continuam a acontecer. Vale dizer, a respeito, que estão sendo implementadas medidas punitivas. A Fifa anunciou em 16 de maio de 2024 um protocolo para combater o racismo no futebol. O documento, apresentado no 74º Congresso Anual da entidade, realizado em Bangkok, na Tailândia, contém uma série de artigos que tipificam certas atitudes como crimes de racismo e propostas de castigos. As federações afiliadas à Fifa devem adotar as regras em seus códigos disciplinares. O protocolo estabelece regras e sanções, ações no campo, cargas criminosas e ações antirracistas (educação), e dá voz aos jogadores.

Em geral, o protocolo indica que o julgador deve ser detido, pedir um anúncio pelo sistema de som do estádio e exigir a conclusão do comportamento racista. Se o comportamento continuar, o julgador poderá suspender temporariamente a partida (saída das equipes de campo e novo anúncio de advertência). E, finalmente, se os episódios

de racismo não cessarem, o julgado poderá determinar o final da partida, com a derrota do time associado aos atos racistas (Fifa, 2024).

Entendemos que as iniciativas e ações existentes não conseguiram erradicar o problema, e assim novas estratégias são necessárias – estratégias que não apenas punam os infratores, mas promovam uma cultura de igualdade e diversidade em todos os níveis do futebol: “O racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2019, p. 15).

Plataformas digitais como as do TikTok e instituições educacionais e desportivas são espaços em que é possível discutir, prevenir e propor um debate antirracista para travar o racismo no futebol? Como trabalhar essa temática com os jovens estudantes? Em diferentes momentos do percurso de formação educacional, o racismo se faz presente nas relações sociais, muitas vezes minando a autoestima intelectual de pessoas negras e excluindo-as da escola. Ainda há o ocultamento das contribuições de epistemologias afrocentradas, isto é, a invisibilização da memória coletiva da luta global contra o racismo.

Nossa hipótese é de que o racismo que as pessoas negras sofrem no futebol, principalmente as camadas jovens, tem colocado barreiras para a construção de um projeto de vida adulta desses jovens. Ainda há um processo de regulação do corpo negro, e que se dá de maneira tensa e dialética, com a luta por emancipação social empreendida pelo negro como sujeito (Gomes, 2017).

Elegemos o futebol como uma ferramenta, mas não a única, para (re)educar, informar e conscientizar para o fim do racismo. É importante orientar novas gerações sobre o racismo no futebol e adotar medidas práticas e concretas por meio da adoção e efetiva implementação de políticas de quadros jurídicos, políticas e programas de combate ao racismo (Silva, 2017).

O racismo ainda cria barreiras para o desenvolvimento de projetos de vida adulta de crianças, adolescentes e jovens. Estudos mostram dados e informações acerca da situação de negação do direito ao lazer e atividades profissionais visando a projetos de vida adulta, e têm mostrado a existência do racismo na construção do sujeito (Roldão, 2015).

Os fundamentos epistemológico-metodológicos da análise crítica do discurso de Van Dijk (2001) permitem identificar regularidades de representação em *corpora* textuais e examinar a estabilização de formações discursivas e processos de hegemonização. Nessa perspectiva, a análise articula linguagem, ideologia e poder, ao considerar que práticas discursivas podem produzir e legitimar assimetrias sociais por meio de escolhas lexicais, estruturas argumentativas e estratégias de (re)contextualização que configuram agentes, eventos e relações hierárquicas.

A discussão de Bailey (2020) também é oportuna e atualizada no contexto de análise de mídias. Bailey (2020) sublinha o crescimento e a popularidade de programas

negros na *web*, além do uso de *hashtags* para demonstrar o impacto dos esforços de mídia social em um impulso para responsabilidade, acesso e representação na mídia, saúde e sociedade, em especial da população racializada. Bailey (2020) inclui uma discussão atual abordando uma análise aprofundada de tópicos de tendências de mídia social para criar uma representação vívida de como os usuários interagem com histórias sobre mulheres negras.

Zhao e Abidin (2023), em estudos sobre o ativismo antirracista por parte de utilizadores asiáticos no TikTok, focam a estética audiovisual das narrativas do TikTok (seleções de imagens, usos criativos de som e memes de áudio, efeitos visuais) e observam a atribuição de significado às narrativas ativistas *on-line* criadas que se centra na geração de visibilidade como tática de sensibilização e consciencialização.

Compreendemos que plataformas como as do TikTok, entre outras, podem gerar ativismo antirracista. O ativismo poderá transformar as *performances* ritualizadas dos utilizadores em poderosos instrumentos políticos no TikTok e tornar a participação democrática mais identificável, tangível e acessível a vários públicos. Isto é, identificando *hashtag* como práticas de criação de espaços antirracistas discursivos para espalhar contranarrativas ao racismo no futebol, especialmente envolvendo grupos étnicos (jovens negros, de povos indígenas), a fim de examinar se e como suas práticas antirracistas de criação de espaço no TikTok podem denunciar e combater o racismo no futebol (Bailey, 2020; Zhao; Abidin, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão apresentada neste texto faz parte de discussões iniciais de um projeto de pesquisa do autor em desenvolvimento que tem por objetivo um estudo das narrativas de combate ao racismo no futebol na plataforma TikTok, e, nesse sentido, entendemos que a educação antirracista é fundamental para promover a igualdade e o respeito entre diferentes grupos étnicos. No contexto do futebol, a educação antirracista auxilia a conscientizar jogadores, técnicos, torcedores e a sociedade em geral sobre a importância de combater o racismo. Por meio de programas educativos, *workshops* e campanhas, é possível desmistificar preconceitos e estereótipos, de modo a promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

As plataformas digitais, como redes sociais e aplicativos, são ferramentas poderosas para denunciar e combater o racismo no futebol. Elas permitem que episódios de racismo, discriminação, xenofobia sejam rapidamente divulgados e “condenados”, aumentando a pressão sobre as autoridades para tomar medidas punitivas. Além disso, tais plataformas podem ser usadas para campanhas de sensibilização e educação, alcançando um público amplo e diversificado.

O âmbito educativo deve estar atento para que todos recebam uma formação que permita fomentar novas discussões em torno dos estudos de relações étnico-raciais, visto que a diversidade social ocupa as instituições por meio da presença concreta de seus assistentes: negros, brancos, indígenas, adultos e crianças de diferentes idades e gêneros. Nesse sentido, entendemos que essa educação constitui um dos principais ativos e mecanismos para transformar uma sociedade de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano em sua totalidade, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos de equidade. Esse tipo de educação será capaz de combater a discriminação e o racismo, e promover o respeito às diferenças e características dos grupos.

A educação antirracista se propõe a oferecer uma resposta no âmbito da educação às demandas de populações racializadas no sentido de introduzir ações de reconhecimento e valorização de suas histórias, culturas e identidades no combate ao racismo, e isso inclui também o combate ao racismo no futebol.

A importância das redes sociais e da educação antirracista para combater o racismo no futebol é um tema de grande relevância. As redes sociais desempenham um papel crucial na conscientização e na mobilização contra o racismo. Elas permitem que incidentes de racismo sejam rapidamente divulgados, gerando uma resposta imediata da sociedade e das autoridades. Além disso, as redes sociais oferecem uma plataforma para que vítimas e testemunhas compartilhem suas experiências, promovendo a solidariedade e a ação coletiva.

A educação antirracista é fundamental para combater o racismo de forma estrutural e duradoura. Por meio da educação, é possível desconstruir preconceitos e estereótipos, promovendo uma compreensão mais profunda das relações étnico-raciais nas sociedades contemporâneas. A educação antirracista também capacita os indivíduos a reconhecer e enfrentar o racismo em todas as suas formas, desde manifestações explícitas até microagressões sutis. Essas duas abordagens, quando combinadas, podem criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso no futebol, em que a diversidade é valorizada, e o racismo, ativamente combatido.

Thompson (2011) chama a atenção para o fato de que a ênfase no caráter ativo e criativo não sugere que ele esteja socialmente condicionado. Pelo contrário, os materiais simbólicos que formam os elementos das identidades são distribuídos de maneira desigual. Por exemplo, o ingresso no sistema educativo, no mercado de trabalho, nos clubes de futebol (sobretudo de camadas jovens no futebol). Os movimentos possíveis de projeto de vida adulta a que jovens podem aspirar não podem ser obstruídos pelo racismo, em especial no contexto do futebol, nosso foco de atenção. Contudo, é oportuna a promoção de campanhas educativas que informem sobre o impacto negativo do racismo e a importância da diversidade e da inclusão.

As plataformas digitais devem implementar sistemas de monitorização e moderação eficazes para identificar e remover conteúdos racistas rapidamente. Facilitar o processo de denúncia de comportamentos racistas e garantir que haja consequências claras para os infratores. Isso pode incluir a suspensão ou o banimento de contas, bem como a colaboração com autoridades legais, quando necessário.

Quanto ao oferecimento de apoio psicológico e emocional às vítimas de racismo *on-line*, isso pode ser feito por meio de parcerias com organizações de apoio e da criação de recursos *on-line* que forneçam orientação e assistência. Deve-se trabalhar em conjunto com clubes de futebol, ligas, organizações não governamentais e outras entidades para criar uma frente unida contra o racismo. Essas parcerias podem ajudar a amplificar as mensagens antirracistas e a promover uma cultura de respeito e inclusão.

Por fim, destacamos a promoção de conteúdos positivos, visando incentivar a criação e partilha de ideias que celebrem a diversidade e promovam histórias inspiradoras de jogadores de futebol de diferentes origens. Isso pode ajudar a mudar a narrativa e a combater estereótipos negativos. Essas estratégias, quando implementadas de forma coordenada e contínua, podem contribuir significativamente para a redução do racismo no futebol nas plataformas digitais.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, F. V. de P.; SILVA, R. da. A bola no pé do morro: futebol comunitário e lazer no parque jornalista Eduardo Couri e Aglomerado Santa Lúcia Belo Horizonte/MG. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 22-41, 2023.
- ALMEIDA, P. F. de S. S. de. *Futebol, raça, e nação em Portugal*. 2018. Tese (Doutorado em Democracia no Século XXI) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- BAILEY, M. *Misoginia transformada: resistência digital das mulheres negras*. New York: NYU Press, 2020.
- BATALHA, I. C. S.; SANTOS, D. de A. V. dos; MESQUITA, S. C. L. Direitos humanos e racismo no esporte: uma perspectiva comparada. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, Castelo de Paiva, v. 17, n. 3, p. 1-28, 2025.
- BECERRA-CHAUCA, N.; TAYPE-RONDAN, A. TikTok: ¿una nueva herramienta educativa para combatir la covid-19? *Acta Médica Peruana*, Lima, v. 37, n. 2, p. 249-251, 2020.
- BENTO, M. A. S. Branquitude e poder: a questão das cotas para negros. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: FEUSP; PUCCAMP, 2005. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 6 maio 2026.
- CARMICHAEL, S.; HAMILTON, C. V. *Black power: the politics of liberation in America*. New York: Vintage, 1967.

- CASTRO, E. de et al. (org.). *Relatório da discriminação racial no futebol – 2023*. Porto Alegre: Editora Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROEXT, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/relatorio-da-discriminacao-racial-no-futebol-2023/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- CHAGAS, V.; STEFANO, L. Estratégias de uso do TikTok por políticos brasileiros. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 31, p. 1-18, 2023.
- COELHO, L. X. P.; SILVA, M. A. B.; MAESO, S. R. (org.). *O antirracismo em disputa, conceitos, debates públicos & projetos políticos*: caderno de debate do projeto Politics. 2023. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/01_POLITICS_V7_Versao%20Digital.pdf. Acesso em: 5 maio 2026.
- COLELLA, F. Who benefits from support? The heterogeneous effects of supporters on athletes' performance by skin color. *UNIL. Econ Working Paper*, Lausanne, n. 21.12, p. 1-22, 2021. Disponível em: https://fabriziocolella.com/workingpapers/football_racism/. Acesso em: 6 maio 2026.
- DOLINA, C. Atleta sofre injúria racial e é agredido em jogo do Gauchão de Futsal sub-17. GZH, 15 jul. 2025. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/passo-fundo/esportes/futsal/noticia/2025/07/atleta-sofre-injuria-racial-e-e-agredido-em-jogo-do-gauchao-de-futsal-sub-17-cmd57av5u008x014mxu9ncpz1.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- DUARTE, A.; DIAS, P. TikTok: usos e motivações entre adolescentes em Portugal. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, Braga, n. 147, p. 81-102, 2021.
- ESSED, P. *Understanding everyday racism*. Newbury Park: Sage, 1991.
- FARIAS, L. G. S. de et al. A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26074, 2020.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Congress 2024 – Bangkok, Thailand. Disponível em: <https://inside.fifa.com/organisation/congress/fifa-congress-2024>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- FISCHER, T. et al. A pedagogia da rua ainda existe? Investigando a cultura lúdica de jogadores(as) profissionais de futebol nascidos a partir dos anos 2000. *Movimento*, Porto Alegre, v. 30, e30022, 2024.
- FOER, F. *Como o futebol explica o mundo*: um olhar inesperado sobre a globalização. Brasília: Palavra, 2006.
- GOMES, J. B. B. A recepção do instituto da ação afirmativa pelo direito constitucional brasileiro. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 38, n. 51, p. 129-152, 2001. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/705>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- GOMES, N. L. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

- GUIMARÃES, A. S. A.; RIOS, F. R.; SOTERO, E. C. Coletivos negros e novas identidades raciais. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 309-327, 2020.
- KICK IT OUT. Discrimination in football remains at record levels. 5 Aug. 2025. Disponível em: <https://www.kickitout.org/news-media/discrimination-football-remains-record-levels>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- LOPES, F. T. P. Psicologia social (crítica) do torcer: caminhos trilhados e caminhos a trilhar. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 36, e282988, 2024.
- MACINNES, P. Sexism and misogyny drive record levels of abuse at football games last season. *The Guardian*, London, 5 Aug. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2025/aug/05/record-abuse-football-matches-kick-it-out-sexism-misogyny>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- MATAMOROS-FERNÁNDEZ, A. Taking humor seriously on TikTok. *Social Media + Society*, Newbury Park, Califórnia, v. 9, n. 1, p. 1-4, 2023.
- MEDEIROS, J.; LOPES, F. T. P.; TEIXEIRA, R. da C. II Censo ANATORG: um estudo sobre as visões de torcedores organizados acerca do fenômeno da violência no futebol brasileiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e62807, 2025.
- MOIR, A. The use of TikTok for political campaigning in Canada: the case of Jagmeet Singh. *Social Media + Society*, Newbury Park, Califórnia, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2023.
- NOLASCO, C. Migrantes de calções e chuteiras: dinâmicas migratórias do futebol português. *Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUC/FLUC*, Coimbra, n. 4, p. 1-15, 2010.
- RAMOS, D. da S.; SOUTTO MAYOR, S. T.; SILVA, S. R. O racismo no futebol a partir de entrevistas na revista *Placar*. In: RAMOS, D., SOUTTO MAYOR, S. T.; SILVA, S. R. *Open Science Research XI*. Guarujá: Editora Científica Digital, 2023. v. 1. p. 1125-1130.
- RIBEIRO, F.; PIMENTA, S. A mediatização do “racismo”? Análise a partir da representação dos casos Marega, Webó e Diakhaby nas primeiras páginas da imprensa. *Motricidade*, Ribeira de Pena, v. 18, n. 4, p. 535-547, 2022.
- RICHARDS, A. Racist AI-generated videos are the newest slop garnering millions of views on TikTok. *Mediamatters*, 1º July 2025. Disponível em: <https://www.mediamatters.org/tiktok/racist-ai-generated-videos-are-newest-slop-garnering-millions-views-tiktok>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- ROLDÃO, C. *Fatores e perfis de sucesso escolar “inesperado”: trajetos de contratendência de jovens das classes populares e de origem africana*. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.
- SÁ, R. A. Racismo à brasileira e a “maldição” do goleiro preto. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 27, p. 1-23, 2025.

- SILVA, B. “Vai lá...mostra para eles que o pé do preto também é branco”: o racismo no futebol brasileiro. *InterAção*, Santa Maria, v. 15, n. 3, e88053, 2025.
- SILVA, G.; MUNSBURG, J.; BALZANO, O. O pensamento decolonial como alternativa ao racismo às avessas no futebol. *Praxis & Saber*, Tunja, v. 1, n. 27, e10376, 2020.
- SILVA, M. Racismo institucional: pontos para reflexão. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 13, n. 1, p. 127-136, 2017.
- SILVA, M. A. B.; ARAÚJO, D. P. de. Agora é nós por nós: as políticas de ação afirmativa e a (re)organização política afro-indígena nas universidades. *Revista Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 10, n. 10, p. 9-11, 2021.
- SILVERIO, M. *Estadísticas y usuarios activos de TikTok (2026)*: actualizado el 5 de enero de 2026. Disponível em: <https://www.primeweb.com.mx/tiktok-estadisticas>. Acesso em: 6 maio 2026.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TORRES SANTOMÉ, J. *Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- TURE, K.; HAMILTON, C. V. *Black power: the politics of liberation in America*. Harmondsworth: Penguin Books, 1969.
- VAN DIJK, T. Critical discourse analysis. In: TANNEN, D. et al. *The handbook of discourse analysis*. London: Wiley Blackwell, 2001. p. 352-371.
- WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde & Sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016.
- ZHAO, X.; ABIDIN, C. The “Fox eye” challenge trend: anti-racism work, platform affordances, and the vernacular of gesticular activism on TikTok. *Social Media + Society*, Newbury Park, Califórnia, v. 9, n. 1, p. 1-6, 2023.

Recebido em: 30.08.2025

Aprovado em: 21.01.2026